

O salvador da pátria

*Considerações em torno da
imagem do jogador Romário
na Copa do Mundo de 1994*

Simoni Lahud Guedes*

Vou dedicar o tetra ao povo sofrido.

(Romário, *Jornal do Brasil*, 13/07/94, Esportes, p.11)¹

**Do Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Doutorado em Antropologia no Museu Nacional. Co-Autora de "Universo do Futebol - Esporte e Sociedade Brasileira" - Edições Pinakothek, RJ, 1982.*

Tempo de heróis

Acho que depois de tanta coisa ruim e triste que aconteceu este ano — as perdas do Dener e do Ayrton Senna, essas matanças que acontecem, fome, essas coisas... —, o Brasil merece a Copa. Eu posso colocar a Copa do Mundo para o brasileiro como se fosse um prato de comida. Se a gente ganhar esta Copa, estará dando um prato de comida para esse povo que está com fome. (*Romário, Jornal do Brasil*, 19/06/94, p. 13)

¹*Entrevista a Artur Xexéo e Gilmar Ferreira, em resposta à pergunta O que significa a Copa do Mundo para você?*

Num mundo em que as idéias de **nação** e **nacionalidade** confrontam-se, cada vez mais, com outros princípios operativos (cf. Hobsbawm, 1990), a recriação de um **nós nacional** torna-se muito mais dependente de tempos-espacos mais ou menos ritualizados e, paradoxalmente, específicos. No Brasil, como sabemos, o futebol transformou-se no esporte

Uma das peculiaridades do futebol, no caso brasileiro, é a de ser concebido como representando a nação quer no caso de vitória, quer no caso de derrota, como já demonstrei (cf. Guedes, 1977). Outros esportes podem produzir eventuais heróis nacionais ou assumir temporariamente o caráter de esporte nacional, no sentido aqui delimitado, mas o fazem, exclusivamente, nas conjunturas em que colecionam vitórias. Ou seja, se o seu êxito é facilmente socializado, não se dá o mesmo com o seu fracasso que, em geral, é ignorado.

nacional — num curso histórico que se consolida com a derrota de 1950 —, não apenas por ser o mais praticado mas, principalmente, por colocar em foco, de quatro em quatro anos, nas Copas do Mundo, uma série de representações sobre **a nação e o povo brasileiros**². Não há dúvida de que tais representações também constroem-se e atualizam-se em outras esferas, em especial nos **rituais nacionais** cíclicos (cf. DaMatta, 1979), sendo da mesma forma produzidas continuamente em diversos outros domínios embora sem a mesma periodicidade ou previsibilidade. Contudo, o ciclo próprio dos campeonatos mundiais de futebol realiza, no Brasil, um avassalador processo de envolvimento coletivo do qual poucos conseguem escapar. O papel aqui desempenhado por todas as formas de jornalismo esportivo (cf. Lopes, 1994) é, sem dúvida, absolutamente fundamental.

Neste tempo, mais do que produzir e reproduzir tais representações, **vive-se** a experiência da identificação **nacional**, incorporada no desempenho do selecionado e em cada detalhe que o cerca. No campo de jogo, nestes períodos, produz-se e reproduz-se o **Brasil**, bem como alguns dos seus **heróis** e **vilões**, em geral, provisórios. Isto porque esta temporalidade própria das Copas do Mundo, com ciclos suspensos em relação ao viver do cotidiano, **aparecem como campos finitos de significação, enclaves dentro da realidade dominante** (Berger e Luckmann, 1973: 42). Experiências deste tipo são, segundo os mesmos autores, como **trances** que, entretanto, estão sempre submetidos à dominância da vida cotidiana. Logo, as vias que propiciam que estes **significados e modos de experiência delimitados** (id., ib.) se intercomuniem com

significados e experiências mais gerais da vida social são sinuosas. É preciso percorrê-las.

Nestas notas, tenho a intenção de propor algumas questões a partir da análise do lugar de principal **herói** atribuído ao jogador Romário na Copa do Mundo em 1994. Estou pressupondo que a análise do papel desempenhado por Romário — ou melhor, pela imagem produzida pelos jornalistas e por ele mesmo em entrevistas — neste **transe** me permitirá ampliar reflexões iniciadas anteriormente (cf. Guedes, 1993) sobre as formas pelas quais emergem, neste contexto, as interpretações do **povo brasileiro**, aqui infletidas pelas dramatizações sobre a **rebeldia** no futebol. Para isso, tomo material jornalístico coletado nos jornais O Globo e Jornal do Brasil, no período de maio a agosto de 1994, sobre a Copa do Mundo nos Estados Unidos. A intensificação do noticiário cerca de um mês do início do campeonato justifica sua utilização a partir de maio. Na verdade, a preparação para ingressar neste tempo especial é paulatina, como já demonstrei alhures (Guedes, 1977), expressando-se concretamente em aumento do noticiário sobre o tema, o que é facilmente quantificável. Os dois jornais cariocas, por exemplo, passam a produzir suplementos diários denominados de Esportes. O retorno do **transe**, ao contrário, depende de se conseguir ou não o campeonato. Se a seleção brasileira é derrotada, o noticiário diminui abruptamente. Vitoriosa, é possível viver por mais algum tempo a **experiência nacional** através dos jornais.

A análise do papel desempenhado por Romário — ou melhor, pela imagem produzida pelos jornalistas e por ele mesmo em entrevistas — neste transe me permitirá ampliar reflexões iniciadas anteriormente

De vilão a salvador da pátria

Romário desembarca hoje no Brasil com a taça na mão, como prometera quando foi reconvocado pelo técnico Parreira para a última partida das eliminatórias, contra o Uruguai. Como disse o goleiro Gilmar, depois de 60 dias de convívio diário com o "baixinho marrento", "Romário chegou vilão e saiu herói". Um herói que tomou o território inimigo e agora, de metralhadora na mão, dispara contra aqueles que tentaram derrubar seus companheiros.

(Jornal do Brasil, 19/07/94, Esportes, p. 3, reportagem de Gilmar Ferreira)

A história da façanha prometida por este indivíduo poderoso, de trazer mais uma glória nacional para um povo faminto de heróis e comida, começa em 1992

A história da façanha prometida por este indivíduo poderoso, de trazer mais uma **glória nacional** para um **povo faminto de heróis e comida**, começa em 1992, num jogo amistoso que a seleção brasileira de futebol realizou contra a seleção alemã, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Ali ocorreu uma pequena cena de um dos inúmeros dramas que são representados, simultaneamente, tendo como cenário o futebol brasileiro. Naquele momento iniciava-se também a transformação de Romário na maior estrela do selecionado brasileiro neste campeonato, conforme recuperação do episódio no material jornalístico considerado. Neste jogo, um dos preparatórios para as eliminatórias da Copa do Mundo que ocorreria em 1994, o jogador se desentendeu com a Comissão Técnica, nomeadamente com Zagalo, ex-jogador e técnico da Copa do Mundo de 1970, acerca de sua escalação para

o jogo. O jogador, mais tarde, classificaria como **incidente** o ocorrido, minimizando o episódio, mas reafirmando **tudo o que disse à época**³. Contudo, por mais que se deva relativizar as versões do **incidente**, como divulgadas pela imprensa, seus efeitos foram muito evidentes. A conseqüência mais imediata foi sua eliminação sumária da equipe que disputou os jogos eliminatórios da Copa do Mundo, até que as circunstâncias, gerando pressões intensas expressas nos meios de comunicação de massa, levassem à sua reconvocação para o último jogo, contra a seleção uruguaia, em setembro de 1993. Se considerarmos que, na ocasião do **incidente**, Romário já era reconhecido nacional e internacionalmente como um dos maiores atacantes brasileiros, sua longa ausência do selecionado revela, com a mais absoluta transparência, a predominância do valor **disciplina**, compreendido aqui como obediência cega às determinações das equipes técnica e dirigente, sobre as potencialidades do **desempenho** (cf. DaMatta, 1982), cuja avaliação depende de critérios técnicos e táticos. Expressa, igualmente, uma tensão inerente aos jogos de equipe, extremamente acentuada no futebol brasileiro, entre o espaço a ser concedido ao **indivíduo excepcional**, ao **craque** e o desempenho da **equipe**, encarnada nas orientações do técnico (cf. Guedes, 1977, Araújo, 1980). Esta posição é, então, a de um **super-sujeito**, como deixa muito claro o técnico Flávio Costa, em trecho de longa entrevista concedida a Roberto Moura:

O técnico é tudo. Ele é pai ele é mãe, ele é bedel, ele é professor, ele é, enfim, carrasco, não é? O técnico é tudo. O treinador só é considerado quando ele tem na palma da mão o time dele, quando ele sabe fazer a cabeça de todos os

³Cf. *Jornal do Brasil*, 21/07/94, Esportes, p. 7, entrevista a André Balocco e *O Globo*, 22/08/94, Esportes, p. 4, entrevista a César Leite Seabra e Tadeu Aguiar.

Expressa, igualmente, uma tensão inerente aos jogos de equipe, extremamente acentuada no futebol brasileiro, entre o espaço a ser concedido ao indivíduo excepcional, ao craque e o desempenho da equipe, encarnada nas orientações do técnico

jogadores, porque quando se prepara um time, é como se prepara um grupo para a guerra. Porque futebol é, no fundo, uma guerra em que não há canhões. Quando um time está bem preparado psicologicamente, esse já é o primeiro passo pra ser um bom time, e isso só acontece quando o treinador alia seus conhecimentos a suas condições de disciplinador, de comandante, compreende, de chefe, de modo que quando o treinador faz um gesto, por mais simplés que seja, o jogador dentro do campo entenda, às vezes uma manobra complexa. Quando dá uma ordem, expressa por grito, aquele grito na cabeça do jogador é um plano tático. (Moura, 1994: 42-43)

Decorre da desmedida autoridade derivada da posição de treinador ou técnico frente aos jogadores, no futebol brasileiro

Foi um episódio, portanto, estruturalmente previsível e nada incomum, que pode ser economicamente descrito como um **jogo de forças**. Decorre da desmedida autoridade derivada da posição de treinador ou técnico frente aos jogadores, no futebol brasileiro, bem como da posição especial dos **craques**. Singulares por definição, cada um deles assume contornos individuais específicos, redundando em diferentes relações tanto com dirigentes e técnicos quanto com jornalistas esportivos. Neste caso, mesmo limitando a análise ao material disponível nos jornais selecionados no curto período considerado, não é difícil demonstrar que o episódio inscreve-se numa série de outros na carreira do jogador, expressando estas relações conflituosas, cristalizados nos vários qualificativos com que é descrito, como, por exemplo, os de **polêmico, falastrão, arrogante, mascarado**⁴. Há interpretações de seu comportamento como **desagregador e tumultuador**⁵, inclusive porque exigiria privilégios no interior do grupo selecionado. Segundo entrevista a Ricardo Gonzalez, o próprio jogador define-

⁴Cf. O Globo, 29/05/95, p. 55; Jornal do Brasil, 26/06/94, p. 6.

⁵Cf. Jornal do Brasil, 22/05/94, p. 1 e 25; O Globo, 23/05/94, p. 1

se como **difícil** porque **sou autêntico, falo o que penso na tua cara**⁶.

Parece óbvio ser esta apenas uma das pontas do processo de **disciplinarização**, muito mais difuso, cuidadosamente esquadrihado por Foucault (1977). O que é notável, porém, no seu **abrasileiramento** tendo o futebol como veículo, é, justamente, a demonstração dos limites desta **microfísica** do poder. Nossa visão de nós mesmos, através do futebol, passa certamente pelos **dribles, gingas, malandragens**, enfim, por um **estilo brasileiro**⁸. Isto implica na valorização do desempenho de determinados sujeitos tão especiais que os chamamos de **artistas**. Como contê-los na individualização monocórdia da **sociedade disciplinar**? Através do futebol, enfrentam-se — possivelmente desde que Charles Miller trouxe as duas bolas em 1894 —, sob os olhos de um grande público, a **disciplina** e a **arte**.

Sob esta perspectiva, Romário descende de uma longa linhagem de jogadores classificados como **rebeldes**. Santos (1981) desfia alguns nomes de uma extraordinária lista, que, acentua, seria comprida demais para ser completada: Feitiço, Fausto, Jaguaré, Leônidas, Zininho, Didi, Jair, Heleno, Almir, Paulo César, Reinaldo, Marinho Chagas...

O rótulo, entretanto, pode esconder diferenças. A rigor, cada caso deveria ser cuidadosamente analisado, na medida em que, além de inseridos em conjunturas históricas diversas e momentos diferentes do futebol no Brasil, a diversidade de trajetórias e circunstâncias não pode ser ignorada.

⁶Cf. Jornal do Brasil, 23/05/94, Esportes, p. 3.

⁷Para uma discussão sobre o tema, nos primeiros tempos do futebol carioca, ver Herschmann e Lerner (1993, cap. 3)

⁸Este é um dos temas mais caros à sociologia do futebol brasileiro. Ver, por exemplo, DaMatta, 1982, 1994; Helal, 1994, Murad, 1994.

Através do futebol, enfrentam-se — possivelmente desde que Charles Miller trouxe as duas bolas em 1894 —, sob os olhos de um grande público, a disciplina e a arte.

Esta é uma tarefa que uma sociologia do futebol no Brasil deverá enfrentar. Santos (op. cit., 89-90), sugere uma distinção:

Houve, sempre, no nosso futebol, dois tipos de rebelde: este, agressivo, de dar murros em ponta de faca; e outro passivo, espécie de Macunaíma, sempre com “preguiça” de jogar.

Por esta primeira aproximação, como se vê, o encobrimento das diferenças recobertas pelo rótulo de **rebelde** lançaria num limbo comum jogadores cujas posturas podem ter conotações muito diversas, com efeitos políticos até opostos. Há um amplo espectro que vai dos **macunaímas** a verdadeiros líderes políticos. O que têm em comum — a rejeição de um ou mais princípios de ordenação do campo esportivo — não resulta nas mesmas implicações políticas, embora em qualquer ponto do espectro registrem-se casos extremamente dramáticos. Não é incomum, por exemplo, a **domesticação** através do estabelecimento de uma relação de estilo **paternalista** com o dirigente ou técnico, dos que se negam à disciplina corporal exigida aos atletas (cf. Araújo, 1980). Esta forma de **rebeldia** em que há uma utilização do corpo considerada como **desregrada** por técnicos e dirigentes, apenas sinaliza, muitas vezes, a manutenção de hábitos **boêmios (noitadas, bebidas, farras, mulheres)**. Poderíamos chamá-los **hedonistas**, cujo comportamento não é, intencionalmente, contestador. Sua classificação, pela equipe dirigente, como **imatuross** ou **irresponsáveis** tende, algumas vezes, a confirmar e reforçar a relação autoritária (cf. Guedes, 1993)⁹. Outros há, contudo, que discutem os próprios limites da **disciplina** — negam-se à obediência

Houve, sempre, no nosso futebol, dois tipos de rebelde: este, agressivo, de dar murros em ponta de faca; e outro passivo, espécie de Macunaíma, sempre com “preguiça” de jogar.

⁹Um dos casos mais dramáticos, neste sentido, é, sem dúvida, o de Garrincha. Uma análise deste drama, a partir de sua morte, pode ser encontrada em Lopes e Maresca, 1989.

técnica e tática impensada, buscam o sentido da disciplina corporal, não admitem intervenções em sua vida privada — no que propõem uma relação mais profissional e igualitária entre jogadores, técnicos e dirigentes. Encarando-se como **profissionais**, entram num perigoso jogo do poder que, até aqui, tem culminado com a eliminação do jogador do esporte. Assumem, raras vezes, importante e explícito papel de liderança na luta por direitos profissionais, caso famoso de Afonsinho, na década de 70 (cf. Caldas, 1994, p. 49).

Portanto, não basta registrar a inscrição de Romário nesta linhagem de **rebeldes**. Seria necessário um trabalho muito maior e mais detalhado indagando **quem rotula, como e por quê**, em cada momento de sua trajetória para delimitar mais precisamente o significado de sua punição, excluindo-o do selecionado a partir do jogo em Porto Alegre. Contudo, seja qual for seu exato sentido, é a relação entre esta exclusão por **indisciplina** e seu retorno tão bem sucedido que redimensiona sua imagem, alçando-o, através do **transe** da Copa de 94, ao panteão mais nobre do futebol brasileiro.

A transformação deste **rebelde** na versão futebolística de um **herói nacional**, um **salvador da pátria**, baseia-se, como não poderia deixar de ser, nos acontecimentos e nas regras específicas do campo esportivo, infletidas pela paixão com que se acompanha, no Brasil, os resultados obtidos pela seleção nacional. Seu retorno começa a se desenhar com um desempenho medíocre do selecionado durante as eliminatórias, colocando em risco sua classificação para a Copa do Mundo nos Estados Unidos. Tal possibilidade ameaçaria uma das maiores **glórias**

Não basta registrar a inscrição de Romário nesta linhagem de rebeldes. Seria necessário um trabalho muito maior e mais detalhado indagando quem rotula, como e por quê

nacionais no terreno futebolístico: o fato, repetido continuamente, de ser o Brasil o único país a ter participado de todas as Copas. O último jogo, contra o Uruguai, no Maracanã, Rio de Janeiro, em 19 de setembro de 1993, tingeu-se de fortes tons dramáticos, talvez até ampliado por ser este o oponente e o cenário da **tragédia** de 50. É nesse contexto que Romário é reconvocato. Seu **perdão** ocorre numa situação em que a insistência da equipe dirigente em sua punição poderia ser altamente custosa. Com seu indiscutível **talento** de goleador, que se representa no Brasil como um dom irreduzível e inexplicável, e ainda com alguma **sorte** (cf. DaMatta, 1982), faz os dois gols da vitória. Começa a lenda de **salvador da pátria**¹⁰, inscrevendo-se agora o jogador numa outra linhagem, segundo Gilberto Velho (1990) tem raízes no **sebastianismo** do mundo luso-brasileiro **que representa, de modo intenso e sistemático, a crença em indivíduos excepcionais, destinados a redimir, salvar o povo de opressores, da injustiça e dos abusos** (Velho, op. cit.: 44). Transferida a **pátria** para o campo de futebol, Romário, neste jogo, corresponde plenamente ao papel que lhe é destinado, com alto rendimento simbólico. Nesta partida pelos menos, a **arte** vence a **disciplina**.

O embate, todavia, iria prosseguir por todo o período. Ameaçado de **corte** novamente, porque demorava a apresentar-se na concentração¹¹ — verdadeiras **instituições totais** no futebol brasileiro —, sua imagem vai oscilando, no noticiário, entre a **rebeldia**, apresentada cada vez mais tenuamente, e a aceitação das regras do jogo. O interessante é que nunca se deixa de situar Romário em relação à temática da **disciplina**. É necessário, por exemplo, que vez por outra, seja elogiado, justamente neste aspecto, por dirigentes, mem-

bros da Comissão Técnica ou companheiros. No final do período, após a conquista do campeonato, muitas são as declarações neste sentido, inclusive de Zagalo:

Excelente menino... Só diziam que ele era contestador, desagregador, etc. e tal. Tudo mentira, Romário é um jogador de equipe. Amigo de todos. Foi sensacional seu comportamento na Copa.

Há um material muito vasto, publicado pelos dois jornais neste período, relacionado não apenas a Romário, que sugere a intensa utilização do que Goffman chama **práticas protetoras** da representação em equipe (cf. Goffman, 1975: 210ss.). De qualquer modo, é, antes de tudo, usando seu **dom** e a sua **arte** que Romário continua a fazer alguns dos **gols salvadores** que levaram o selecionado brasileiro ao tetracampeonato. Ou seja, desempenhando, direta e eficientemente, nos jogos o papel que dele se esperava. Ao final do campeonato, é escolhido por todos os jornalistas presentes como o melhor jogador da Copa de 94. Consolida, assim, a partir de seu desempenho dentro do campo, avalizado pela crítica internacional, sua dimensão de **salvador da pátria**.

Contudo, sua transformação em **herói salvador**, no interior da qual passa a ser processada sua imagem **rebelde**, é um fenômeno muito mais complexo que ultrapassa seu **talento** como goleador. Trata-se de uma trajetória na direção de uma liderança, na qual incorpora seu papel simbólico (cf. Klapp, 1968), libertando-se dos limites do campo de futebol. É este outro aspecto que veremos agora.

Consolida, assim, a partir de seu desempenho dentro do campo, avalizado pela crítica internacional, sua dimensão de salvador da pátria.

¹⁰Toda esta história é constantemente recuperada pelos jornais analisados no período em apreço, bem como o epíteto. Ver, por exemplo, *Jornal do Brasil*, 23/05/94, p. 3; 19/06/94, p. 13; *O Globo*, 23/05/94, *Esportes*, p. 1; 29/05/94, p. 55.

¹¹Segundo reportagem publicado no jornal *O Globo*, de 23/05/94, *Esportes*, primeira página, Parreira e Zagalo teriam já decidido que, caso Romário não se apresentasse imediatamente na concentração, seria mais uma vez excluído. Teriam dito: **É hora da disciplina falar mais alto.**

Do povo para o povo

Nasci no povo e meu lugar é com o povo.

(Romário, *Jornal do Brasil*, 11/08/94, p. 24)

Fora do campo de futebol, este **herói salvador** caracteriza-se, ao contrário, por **partilhar atributos nada raros na sociedade brasileira**, tornando-o apenas um entre milhões. Apresentando um tipo físico comum no Brasil, como muitos outros jogadores de futebol, pouco tem de uma aparência que seja imediatamente classificado como **atlética**. Pernas arcadas, pele morena, classificação meio indefinida segundo os critérios prevalentes no Brasil (cf. Nogueira, 1985), foi até mesmo chamado de **caboclo artilheiro**. Contudo, é de sua estatura — 1,68 m — que vem seu epíteto mais freqüente — **baixinho** — muitas vezes acompanhado de expressivas adjetivações (**baixinho marrento, baixinho rebelde, baixinho abusado**).

Este tipo físico comum é coerente com sua história de vida, apenas uma repetição da de vários outros **craques** no futebol brasileiro. Sua imagem pessoal arma-se, a partir desta história de vida, em torno de dois eixos interligados: sua **origem** e uma acentuada opção por um estilo de vida associado a todos os signos que, no Brasil, são considerados como de uma **cultura popular**. Entretanto, é a maneira pela qual Romário articula esta origem e, principalmente, este estilo de vida, com os benefícios materiais e sociais decorrentes de sua **consagração** que lhe dará uma dimensão mais específica, permitindo tecer algumas considerações sobre a sua **indisciplina**.

Fora do campo de futebol, este herói salvador caracteriza-se, ao contrário, por partilhar atributos nada raros na sociedade brasileira, tornando-o apenas um entre milhões.

São muitos e variados os signos expostos por ele mesmo, em entrevistas, e pelos jornalistas, inserindo-o numa cultura de classe trabalhadora. A partir da ênfase no fato de ter **nascido pobre**, dado primordial e irredutível, compõe-se todo um quadro bastante expressivo. É, antes de tudo, um homem da **família**. Fotografado freqüentemente com os dois filhos, sua imagem articula, no mesmo pé de igualdade, família de procriação e família de origem. Nesse sentido, não é de modo algum um **indivíduo**, mas uma **pessoa** (cf. DaMatta, 1979, Duarte, 1986) que se define a partir do grupo no qual tem uma posição e não isoladamente, por características próprias. Aspecto fundamental aqui é a identificação desta família de origem, a partir da trajetória profissional do **chefe de família**, seu pai, como de **trabalhadores**. O fato de apresentar uma história profissional com inserções variadas (por exemplo, caixeiro de armazém, vendedor de roupas, operário de fábrica de tintas)¹² é apenas mais um dos elementos que o tornam mais imediatamente identificável com outros trabalhadores. Do mesmo modo, a enorme valorização do **local** de origem — Favela do Jacarezinho, onde residiu até os três anos de idade, e Vila da Penha, subúrbio do Rio de Janeiro, da qual só se mudou aos 22 anos, já profissionalizado como jogador — completa a equação básica da vida das classes trabalhadoras no Brasil. Este entrelaçamento dos valores associados a **família, trabalho e local** aparece muitas vezes, como, por exemplo, na sintética lembrança feita pelo dono de um bar na Vila da Penha:

Essa calçada aqui foi feita por seu Edevair, que na época era pedreiro, ajudado pelo filho Romário, um bom menino. (O Globo, 18/07/94, p. 10b).

¹²Cf. *O Globo*, 31/07/94, p. 16

São muitos e variados os signos expostos por ele mesmo, em entrevistas, e pelos jornalistas, inserindo-o numa cultura de classe trabalhadora.

Na Vila da Penha, tornaram-se de interesse jornalístico todas as pessoas que conheceram o jogador e todos os locais que têm alguma relação com sua vida (a escola municipal na qual estudou, o clube, o terreno onde jogava **peladas**). O local mais notório é, todavia, o **botequim** de propriedade de seu pai, presente do filho¹³. A manutenção do **botequim** no local embora nenhum membro da família resida mais lá — tem importantes implicações simbólicas. Como um **homem da família**, não há motivos para supor que o enriquecimento de Romário seja usufruído **individualmente**. Ao invés, é constantemente apresentado como um **bom filho**, como, por exemplo, neste trecho de uma reportagem de Oldemário Touguinhó:

O certo é que Romário é muito bom para seus parentes. Não deixa faltar nada aos pais e apóia todos os estudos da irmã mais nova, de 12 anos. (Jornal do Brasil, 27/06/94, Esportes, p. 3)

Portanto, não sendo propriamente um meio de vida para seus pais, o que significa o **botequim**? Em primeiro lugar, expressa, com sua concretude física, a valorização da **origem pobre** e a manutenção das relações sociais no local de moradia original. Nesse sentido, incorpora o desprezo que os trabalhadores têm por aqueles que, enriquecidos, rejeitam suas **origens** (cf. Guedes, 1992). Mais significativamente ainda, denota a sustentação de um **estilo de vida popular**, aliás, nada incomum em muitos jogadores de futebol. Neste registro, pode-se incluir a participação em **pagodes, peladas, churrascos** e, até, a consulta a uma **rezadeira** da Vila da Penha¹⁴. É neste contexto que se deve compreender porque um jogador de futebol, eleito por jornalistas esportivos de todo o mundo como o

melhor da Copa do Mundo em 1994, cujo passe vale milhões de dólares, joga uma **pelada** num **esburacado campo da Vila da Penha**¹⁵ enquanto o seu clube europeu ameaça puni-lo por indisciplina por não ter se reapresentado no prazo previsto.

A exposição permanente da adesão a este estilo de vida, muito mais do que simplesmente levar à sua classificação como um **rebelde** do tipo **hedonista**, sugere uma identificação mais estreita com os **homens** de classe trabalhadora, em sua dimensão cultural, que investiguei em pesquisa recente (Guedes, 1992). O **botequim** é a **casa dos homens** para os trabalhadores. É parte fundamental de sua vida, espaço onde articulam entre si **família, trabalho e local**. É ali, em meio à cerveja ou cachaça, à comida **forte** (linguiça, torresmo, churrascos improvisados...), ao samba que produzem e reproduzem, que contam seus **casos** e exibem sua **força** masculina (cf. Machado da Silva, 1978 e Chalhoub, 1986). Nesta cultura, não há, absolutamente, incompatibilidade entre ser um **chefe de família** e estar continuamente **conquistando** outras mulheres (cf. também Sarti, 1989). Logo, não apenas é possível como é mesmo necessário a estes homens manter uma imagem de **mulherengos**, um dos aspectos básicos da **força** masculina. Não há também incompatibilidade entre a internalização de uma **disciplina** imposta pela ética do trabalho capitalista e o espaço da liberdade e da criatividade, vivido nas relações intraclasse.

Sendo o futebol, nesta cultura, um jogo de homens para homens, a profissionalização como jogador não representa, por si, qualquer possibilidade de ruptura com estes valores. Levá-los em bloco, como um

¹³Cf. O Globo, 01/08/94, Esportes, p. 1 e 8.

¹³Cf. O Globo, 31/07/94, p. 16.

¹⁴A **rezadeira**, Dona Nazareth foi procurada pela esposa de Romário quando seu filho teve uma convulsão (Jornal do Brasil, 22/06/94, p. 15), merecendo, posteriormente, uma alentada reportagem do jornal O Globo (24/07/94, p. 58), cujo subtítulo é *Atacante cura lesões com rezas de dona Nazareth. Há diversos registros do mesmo teor. Outro publicado no O Globo, de 17/07/94, p. 6, bastante significativo, é uma declaração de um amigo do local, responsável pela sonorização do clube: Se ele quer dançar e encontrar o pessoal, aparece no Mello (clube do local).*

Sendo o futebol, nesta cultura, um jogo de homens para homens, a profissionalização como jogador não representa, por si, qualquer possibilidade de ruptura com estes valores.

vencedor, para os espaços criados pelas classes dominantes é, sem dúvida, uma audácia que já desenha os contornos da **rebeldia** de muitos jogadores com a mesma história. Oferece, também, contornos mais nítidos aos sonhos de milhares de garotos como eles, para os quais o futebol, no Brasil, é um dos poucos caminhos vislumbrados para a fama e a fortuna, que sabem ser impossível na vida do trabalhador sem, contudo, ter que renunciar aos prazeres que ela oferece (cf. Guedes, 1977; 1982; 1992; Antunes, 1994).

A manutenção deste estilo de vida, portanto, não implica em rejeitar tudo o que o dinheiro pode dar. Implica, isto sim, em imprimir esta marca cultural nos outros espaços. Implica em ser, por exemplo, constantemente, um **homem da família**, dos **amigos** — que aparecem sempre extremamente personalizados — das **mulheres**. Implica em preferir jogar **peladas**, de futebol ou futevôlei, a partidas oficiais, simplesmente porque ali os regulamentos e a aplicação das normas é tarefa dos próprios participantes, que as interpretam por si mesmos, criando-as e recriando-as.

Se se pode localizar aqui a mesma raiz de algumas rotulações de **rebeldia** no futebol brasileiro — que aparecem freqüentemente travestidas na categoria **irresponsabilidade** —, no caso da imagem de Romário há, ainda, um outro aspecto a ser considerado, que partilha apenas com uns poucos jogadores. De fato, exprime mais do que uma **trajetória exemplar** para os trabalhadores e as façanhas de um **herói salvador** dentro do campo de futebol. Sua imagem de **herói salvador** decola do papel desempenhado na Copa do Mundo, provisório, alcançando terrenos mais vastos. Isto se processa pela produção de um discurso

que está sempre procurando manter abertas as vias de comunicação entre os **tempos heróicos**, transbordantes de **fervor nacionalista** e a vida cotidiana. O jogador fala **do povo e para o povo**, a partir da sustentação de sua posição como alguém do **povo**. Venho pontuando estas anotações, desde o início, com este discurso de Romário. Sua clareza pode ser mais uma vez anotada, neste trecho de uma entrevista a jornalistas de vários países:

Precisamos desta alegria e eu, assim como meus companheiros, vamos fazer tudo para que ela possa ser dada ao nosso povo. Mas que isso não sirva para esconder nossos problemas, como a fome, a miséria, as pessoas abandonadas. (Romário, Jornal do Brasil, 13/07/94, Esportes, p. 11)

Esta fala, além de delimitar os direitos de utilização do **troféu** conquistado e negar que o futebol é alienante, implica numa outra reivindicação pelo simples fato de ser emitida. Reivindica, para os jogadores, o direito de falar sobre o **povo**. O jogador coloca-se, portanto, como o sujeito de um discurso no qual sempre foi objeto. Guarda, por conseguinte, potencial subversivo, não tanto pelo que diz, mas por ser dita. Desta forma, pode subverter as normas da divisão de trabalho tanto no interior do campo esportivo quanto em outros campos. No futebol brasileiro, a distinção entre trabalho físico e mental foi sempre operante, expressando-se, inclusive, na máxima muito conhecida de que **jogador pensa com os pés**. Ao invés da inteligência, toda a genialidade que os **craques** apresentam seria fruto da **intuição**. Pelo mesmo ato, o jogador coloca-se como interlocutor de todos aqueles que têm, tradicionalmente, detido o

Reivindica, para os jogadores, o direito de falar sobre o povo. O jogador coloca-se, portanto, como o sujeito de um discurso no qual sempre foi objeto.

Implica em preferir jogar peladas, de futebol ou futevôlei, a partidas oficiais, simplesmente porque ali os regulamentos e a aplicação das normas é tarefa dos próprios participantes, que as interpretam por si mesmos, criando-as e recriando-as.

poder da fala sobre o **povo**. Isso inclui, evidentemente, políticos e religiosos. Inclui todos os intelectuais, até mesmo os antropólogos. Talvez seja esta a **indisciplina** maior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANTUNES, Fatima M. R. Ferreira - *O futebol nas fábricas*, **Revista USP**, n. 22, junho, julho, agosto 1994.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de - *Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão*, Dissertação de Mestrado, PPGAS, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1980.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas - *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*, Petrópolis: Vozes, 1973.
- CALDAS, WALDENYR - *Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro*, **Revista USP**, n. 22, junho, julho, agosto 94.
- CHALHOUB, Sidnei - *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*, São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DAMATTA, Roberto - *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DAMATTA, Roberto - *Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro*, in DaMatta, Neves, Guedes e Vogel, *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
- DAMATTA, Roberto - *Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro*, **Revista USP**, n. 22, junho, julho, agosto 94.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias - *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Brasília: CNPq, 1986.
- FOUCAULT, Michel - *Vigiar e punir. Nascimento da prisão*, Petrópolis: Vozes, 1977.
- GOFFMAN, Erving - *A representação do eu na vida cotidiana*, Petrópolis: Vozes, 1975.
- GUEDES, Simoni Lahud - *O futebol brasileiro: instituição zero*, Dissertação de Mestrado, PPGAS, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1977.
- GUEDES, Simoni Lahud - *Subúrbio: celeiro de craques*, in DaMatta, Neves, Guedes e Vogel, *Universo do futebol:*

esporte e sociedade brasileira, Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

- GUEDES, Simoni Lahud - *O "povo brasileiro" no campo de futebol, À Margem - Revista de Ciências Humanas*, Rio de Janeiro: Fronteiras, 1993.
- GUEDES, Simoni Lahud - *Jogo de corpo: um estudo de construção social de trabalhadores*. Tese de Doutorado. PPGAS, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1992.
- HERSCHMANN, Micael e LERNER, Kátia - *Lance de sorte: o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque carioca*, Rio de Janeiro: Diadorim Ed., 1993.
- HELAL, Ronaldo - *Estádios vazios, ausência de ídolos: notas para uma reflexão sobre a crise do futebol brasileiro*, *Pesquisa de Campo - Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ*, Rio de Janeiro, 1994.
- HOBBSBAWN, Eric J. - *Nações e nacionalismo desde 1780*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- KLAPP, Orin - *Symbolic Leaders: public drama and public men*, Minerva Press, 1968.
- LOPES, José Sergio Leite e MARESCA, Sylvain - *La disparition de "la joie du peuple": notes sur la mort d'un joueur de football, Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 79, septembre 1989.
- LOPES, José Sergio-Leite - *A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro*, **Revista USP**, n. 22, junho, julho, agosto 1994.
- MOURA, Roberto - *Inverno de 93: dias de alegria e tormento. Pesquisa de Campo - Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ*, Rio de Janeiro, 1994.
- MURAD, Mauricio - *Corpo, magia e alienação*, *Pesquisa de Campo - Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ*, Rio de Janeiro, 1994.
- MACHADO DA SILVA, Luís Antonio - *O significado do botequim*, in Kowarick (org.), *Cidade: Usos e Abusos*, São Paulo: Brasiliense, 1978.
- NOGUEIRA, Oracy - *"Preconceito Racial de Marca e Preconceito Racial de Origem", "Tanto Preto Quanto Branco: Estudos de Relações Raciais"*, T. A. Queiroz, S.P., 1985.
- SANTOS, Joel Rufino dos - *História política do futebol brasileiro*, São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SARTI, Cintia - *Reciprocidade e hierarquia: relações de gênero na periferia de São Paulo*, *Cadernos de Pesquisa*, 70, São Paulo, 1989.
- VELHO, Gilberto - *A vitória de Collor: uma análise antropológica*, *Novos Estudos Cebrap*, n. 26, março de 1990.